

Agricultores produzem biogás na propriedade

Na casa do agricultor Wagner Felisbino e de seus “vizinhos de porta”, os pais, Seu Antônio e Dona Nena, gás de cozinha não precisa mais ser comprado. Apontando para um botijão ainda lacrado na varanda, Seu Antônio diz, com uma ponta de orgulho: “este aí, eu posso até devolver”.

Tecnologia social

Há três semanas, a propriedade familiar dos Felisbino, localizada na comunidade de Povoamento, em Anitápolis, está produzindo, a partir de esterco de vaca e em um pequeno biodigestor, seu próprio gás de cozinha. Wagner é o primeiro agricultor do Sul do país a se beneficiar do Projeto Biodigestor, uma tecnologia social oferecida pelo Programa Nacional de Habitação Rural (ver Box). O uso de biodigestores teve origem na Índia e na China. Aqui no Brasil, a técnica foi adaptada ao semiárido e chega, agora, a nossa região, através da Cresol Central e da Cresol Encostas da Serra Geral. O projeto beneficiará 35 agricultores em Santa Catarina, sendo vinte em Anitápolis e quinze em São Martinho.



Wagner faz questão de mostrar o gás “saindo pela boca do fogão”.

Inovação, economia e melhoria de vida

O jovem agricultor e seu pai estão muito satisfeitos com os resultados e já estudam como irão canalizar o gás para a instalação de chuveiros a gás nas duas residências. Segundo os cálculos do agricultor ele “vai economizar bastante”: “São R\$ 49,00 no botijão de gás, mais uns R\$ 50,00 de energia”.

A economia que os Felisbino farão “vai mais longe”, segundo avalia o Secretário da Cresol ESG-Anitápolis, Paulo Cesar Kleistat. Para ele, o biodigestor é um projeto inovador que “pode melhorar muito a vida dos agricultores”: “A Cresol foi a primeira entidade a contratar o Programa Nacional de Habitação Rural na região e agora é pioneira também no biodigestor. Onde tiver projeto bom para os nossos agricultores, nós vamos buscar”. Kleistat detalha o que o biodigestor tem de positivo: “Eles vão produzir o próprio gás, de graça. Dessa produção resulta um esterco compostado e mais o chorume, que pode ser usado para pulverizar as plantas como um ótimo adubo foliar”. Lembra, ainda, que, com os biodigestores, os agricultores “preservam o meio ambiente, ao capturar gás metano que iria para a atmosfera e ao reduzir o consumo de lenha”.

Quinze dias para construir

O projeto no município da Anitápolis conta com a parceria da Prefeitura Municipal, que realiza as escavações necessárias para a construção dos biodigestores. Segundo os agricultores cooperativados, isso “ajuda muito”, senão eles próprios teriam que “cavar os buracos ou pagar uma máquina para fazê-lo”. O secretário da Cresol relata o processo, destacando que um pedreiro capacitado constrói a parte de alvenaria e o agricultor entra com a mão de obra de servente: “Em um dia se faz as placas, que precisam secar por mais ou menos uma semana. Depois, em



Wagner e Seu Antônio “alimentam” o biodigestor com um balde de 20 litros de esterco duas a três vezes por semana.

dois dias, constrói-se o biodigestor. Deixa-se secar, mais uma vez, o concreto da montagem. Finalmente, mais um dia para a parte técnica. Ou seja, em torno de duas semanas, se consegue fazer tudo”. Kleistat, explica que o sistema é canalizado, “igual a uma rede de água” e que a uma distância de 40 metros do biodigestor ele “joga bem o gás”.

Uma vaquinha já é suficiente

Segundo os agricultores, depois que a bosta começa a fermentar e produzir o biogás, “para manter, é suficiente adicionar um ou dois baldes de 20 litros de esterco por semana”. Com isso, o consumo da casa está garantido. De acordo com o secretário da Cresol, cerca de 60 litros de esterco, produzem o equivalente a dois ou três botijões mensais. “Esse gás deve ser consumido ou queimado, pois o envase é proibido”. Paulo Cesar explica, ainda, que o processo é simples: “o esterco fresco é colocado dentro da caixa de carga, de onde segue para o tanque de placas, no qual se transforma numa fração gasosa [o biogás], outra líquida [o chorume] e uma terceira sólida [o composto]. As duas últimas frações, descartadas através da caixa de descarga, são subprodutos que, como já disse, podem ser utilizados na fertilização do solo ou na adubação foliar”.

Lançamento

Para apresentar o projeto, seus objetivos e benefícios, foi realizado, em novembro, em Santa Rosa de Lima, o Encontro estadual do “Projeto Biodigestores – Uma tecnologia social”. Estavam presentes a superintendente da Caixa Econômica Federal (CEF) em Brasília, senhora Noemi Lemes, outros representantes da CEF, membros da Diaconia (ONG responsável pela tecnologia), da Cresol Central e da Cresol ESG.

Na oportunidade, Adriano Sousa, vice-presidente da Cresol, contou que, no

início, “ficou meio com o pé atrás” com a proposta. Mas que logo mudou de opinião. “Eu vi que é um projeto inovador para nós aqui do Sul e que vai melhorar a rentabilidade dos agricultores. Eles não vão precisar mais comprar o gás e aproveitarão melhor os recursos da propriedade”. Adriano sublinha que se trata de uma ação complementar ao financiamento da habitação rural também feito pela Cresol. “Hoje não é fácil manter as famílias no campo. Projetos como o de habitação vêm para melhorar a qualidade de vida e facilitar a permanência delas. A gente tem em torno de 45 famílias beneficiadas com habitação rural em Anitápolis, mas não tínhamos como contemplar todos com biodigestores. Então, escolhemos vinte que avaliamos que vão se dedicar e aproveitar bem. Não adiantaria implantar lá e deixar jogado”.

Expansão possível

Adriano Sousa explica que quem não foi beneficiado pelo programa e tem interesse em implantar um desses biodigestores pode procurar as filiais da Cresol-ESG para buscar informações. “É mais uma linha que a gente pode apoiar. O interessado vai gastar em torno de dois mil reais, que podem ser financiados pelo Pronaf, com prazo de dez anos e juros de 2% ao ano. A Cresol garante, gratuitamente, a assistência técnica para implantação”.

Os conselheiros da Cresol relatam que alguns agricultores estão ansiosos para utilizar o biogás para facilitar a limpeza de equipamentos na sala de ordenha. Da mesma forma, proprietários de pousadas rurais já mostraram interesse em implantar o sistema: “Eles querem ser autossustentáveis e veem isso como mais um atrativo para turistas que valorizam este estilo de vida”, finaliza Paulo Cesar Kleistat.

Biodigestor “Sertanejo”

Em 2011, a experiência do Biodigestor foi desenvolvida pela Diaconia, uma organização social brasileira, sem fins lucrativos e de inspiração cristã. Logo, ganhou o Prêmio “Melhores práticas em gestão local”, promovido pela “Caixa”. Atualmente, a experiência integra o Banco de Dados da Organização das Nações Unidas/Habitat, entre 48 tecnologias de baixo custo com capacidade de multiplicação em diferentes regiões do

mun-

do. São gestores deste projeto Diaconia, Fundo Socioambiental da Caixa Econômica Federal, Cresol Central de Santa Catarina, Associação Regional dos Trabalhadores Rurais da Zona da Mata, de Minas Gerais, e Associação Quilombola Angico, de Pernambuco. O objetivo é disseminar a tecnologia social dos biodigestores em pequenas propriedades familiares de 23 municípios de seis estados brasileiros. Em dois anos, está prevista a construção inicial de 335 biodigestores. Para isso fo-

ram previstas metodologias de mobilização social, capacitação de técnicos e pedreiros, para construção de biodigestores, e de famílias de agricultores e agricultoras para o manejo do biodigestor.

O sistema tem um custo de implantação de R\$ 2.800,00, considerando os materiais de construção, as visitas técnicas e a mão de obra especializada. No caso do beneficiários do projeto, tal custo é inteiramente subsidiado pelo Fundo Socioambiental da Caixa Econômica Federal.